

A DEMOCRATA

ENTREVISTA

MIGUEL MORGADO

“Houve no passado interpretações políticas do conceito de liberdade que a sublimaram, como houve outras que a perverteram.”

Pág. 12

CÂMARA ALTA

“O mundo vive grandes transformações”
por Carlos Moedas

Pág. 6

ENSAIAR O FUTURO

“Ler e escrever são verbos irregulares?”
por Ana Rita Bessa

Pág. 24

LARANJA MECÂNICA

Todas as edições uma história icónica do PPD/PSD.
Este mês: “Exercícios de Observação”
por Maria João Avillez

Pág. 18



EDITORIAL

Um veto contra o experimentalismo!

Marcelo Rebelo de Sousa, de forma bem assertiva e crítica, vetou o pacote “Mais Habitação” proposto pelo governo de António Costa. Na resposta a este carimbo vermelho no documento, o PS, na sua habitual arrogância, confirmou que vai levar o mesmo documento a votação na Assembleia da República, onde tem maioria. As palas ideológicas e o enjeitar da razão perante os problemas, mais uma vez, tendem a castigar os portugueses! A novidade deste veto é que o Presidente da República, veio afirmar que o caminho socialista terminou, porque fracassaram nos objetivos das suas políticas. Marcelo Rebelo de Sousa quis indicar aos cidadãos portugueses que há outros caminhos para resolver os problemas estruturais do país e que existe uma alternativa política que não castra as liberdades individuais, nem atua na base da coerção ou da fabulação.

Disse e venceu que existe uma alternativa ao PS. Essa alternativa, confio eu, é consubstanciada no PSD. O único partido reformista em Portugal.



LUÍS NUNES DOS SANTOS
DIRETOR

FICHA TÉCNICA

Proprietário: PSD | Partido Social Democrata NIF: 500835012
Registo na ERC: n.º127932
Editor: JSD | Juventude Social Democrata NIF: 500835012 -
Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa - jsd@jsd.pt - www.jsd.pt
Director: Luís Nunes dos Santos
Redação: Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa
Concepção Gráfica: Gomes de Almeida & Associados
Impressão: GRAFISOL - Artes Gráficas - Rua das Maçarocas
Abrunheira Business Center n.º03 - Abrunheira - 2710-056 Sintra
Periodicidade: Mensal
Tiragem: 100

Todos os direitos reservados. Interditada a reprodução, mesmo que parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios e para quaisquer fins, designadamente comerciais.

A DEMOCRATA

ÍNDICE

MOULES AVEC FRITES
Pág. 4

BIFES À SÃO BENTO
Pág. 5

CÂMARA ALTA
Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS
Pág. 8

DO PONTAL ATÉ À LAPA: CRÍTICA CULTURAL
Pág. 10

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA
Pág. 12

LARANJA MECÂNICA
Pág. 18

JSD LOOK & FEED
Pág. 22

AGENDA
Pág. 23

ENSAIAR O FUTURO
Pág. 24

RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM
Pág. 28

FAZER A DIFERENÇA
Pág. 29

LOJA JOTA
Pág. 30

SOBE E DESCE



MARCELO REBELO DE SOUSA

MARINA GONÇALVES

FICOU PARA A HISTÓRIA

“Quem controla o passado, controla o futuro.
Quem controla o presente, controla o passado.”

George Orwell
Novelista, ensaísta, jornalista e crítico



ALEXANDRE POÇO
Presidente da JSD

Habitação. Habitação. Habitação.

Apesar da política nunca parar, é normal que a sua intensidade diminua com o país a banhos. Setembro é, portanto, conhecido por ser o mês do regresso em força ao combate político.

Este setembro é também o mês de novos aumentos nas prestações do crédito à habitação.

Este setembro é o mês em que os estudantes deslocados desesperam para encontrar quartos, casas e residências, sem que as constantemente prometidas pelo Governo saiam do papel.

Este setembro é também o mês em que o Governo usará da maioria mais isolada de que há memória para determinado tema de forma a confirmar o estafado Programa Mais Habitação no Parlamento.

As casas, as reais, e nas quais os portugueses querem viver, continuarão a ter preços e rendas mais elevadas e continuarão a ser de difícil acesso às novas gerações, naquele que é hoje o maior drama da juventude portuguesa. O Governo, o Primeiro-Ministro e a Ministra da Habitação continuarão a inspirar-se em José Mário Branco quando no icónico FMI cantava: “É por isso que a tua solução é não ver, é não ouvir, é não querer ver, é não querer entender nada”.

Nós, na oposição, continuaremos a batalhar e a apresentar a nossa alternativa para a Habitação, com propostas concretas para ter mais oferta, mais confiança, casas reais e, em particular no que diz respeito à JSD, garantir que o país tem finalmente respostas para a compra da primeira casa.



MOULES AVEC FRITES

Claúdia Monteiro de Aguiar

A URGÊNCIA DE UMA REDE DE TRANSPORTES EFICIENTE E INTEGRADA

O regulamento da Rede Transeuropeia de Transportes (RTE-T) é crucial para o processo de transição energética na União Europeia. Estamos a trabalhar, no Parlamento Europeu, na revisão da proposta da Comissão Europeia, é pois fundamental compreender não apenas o seu objetivo como também a sua complementaridade com outras propostas legislativas, como o Refuel EU, Fuel Maritime e AFIR, sobre as quais estamos particularmente empenhados em adaptar à realidade do nosso País.

Existem ainda barreiras entre os Estados Membros que, particularmente no caso da ferrovia, tornam o seu desenvolvimento desigual e a várias velocidades. Enquanto a Europa Central goza de uma realidade harmonizada em termos de bitola e sistemas de comunicação, países periféricos como Portugal e Espanha ainda enfrentam obstáculos técnicos e físicos. Situação que nos coloca à margem das principais rotas ferroviárias europeias. Abordar a transição energética e o transporte sustentável só é possível implementando adequadamente a política da rede de transportes transeuropeia.

Para Portugal acreditamos que o desafio não se encontra apenas na construção de mais e melhores infraestruturas. Trata-se de investir na manutenção e desenvolvimento tecnológico das já existentes. O transporte rodoviário é o único meio viável de transporte de mercadorias e o ferroviário ainda não é uma alternativa. No transporte de passageiros, o avião domina, com um grau de dependência não aconselhável, especialmente quando no momento presente vivenciamos convulsões na aviação e na transição para combustíveis sustentáveis.

Sem alta velocidade e com a linha ferroviária principal desenvolvida principalmente ao longo da costa, Portugal precisa investir em linhas complementares e promover algumas linhas centrais no interior. Esta é a única forma de aumentar a ligação com Espanha e o resto da Europa. Os investimentos do Plano de Recuperação e Resiliência Português estão, infelizmente, concentrados na costa, com muito pouco investimento no sistema de transporte de e para o interior.

Mas a importância desta integração não se reflete apenas na logística de transporte de bens e mercadorias ou na mobilidade dos cidadãos; além do reforço da coesão territorial e social gera também implicações profundas no turismo, um setor vital para a economia portuguesa.

Melhorar as ligações ferroviárias transformaria enormemente o nosso país. Uma rede de transportes mais eficiente e integrada melhoraria a vida dos portugueses e facilitaria a chegada de mais turistas a Portugal. Não seria apenas uma porta de entrada para visitantes europeus mas uma conexão mais fluida atrairia turistas de todo o mundo que chegam à Europa através de outros destinos. Um sistema ferroviário mais robusto internamente incentivaria os turistas a explorar além dos destinos tradicionais. Um turismo menos concentrado em Lisboa e Porto, e mais disperso por regiões menos visitadas, promovendo a sustentabilidade e distribuição de proveitos turísticos.

A integração eficaz de Portugal na RTE-T não só reforça a sua posição na UE, mas também tem o potencial de revolucionar o turismo no país. Portugal devia ter todo o interesse em estar na vanguarda dessa transformação.

BIFES À SÃO BENTO

Paulo Rios de Oliveira

O FIM DAS IDEOLOGIAS?

No espaço público e publicado vai ganhando força a ideia, recalçada, de que as ideologias estão em decadência e perderam a sua relevância e justificação. Nada mais errado.

Quando assistimos à análise, discussão e votação de Leis e Resoluções ou Propostas, é notória – ora de forma assumida e clara, ora por pré-conceito arraigado e subconsciente – a percepção de que os partidos (primeiros depositários doutrinários e programáticos) se regulam, limitam ou espartilham, por essas “balizas conceptuais”.

Esta percepção é mais nítida nos partidos fundados antes ou no dealbar da democracia pós 25 de abril e mais ténue ou mesmo difusa nos mais recentes, justificados mais em causas do que em convicções ou projetos de sociedade. Debater com o PCP é estimulante pela divergência, mas tranquilo na previsibilidade, pois sabemos quais são os princípios programáticos e a ideologia marxista que defendem.

Quando falamos de temas tão diversos como “benefícios fiscais”, “relações laborais”, “habitação”, “ensino privado” “parceiras público privadas” ou “aprofundamento da participação na União Europeia” podemos antecipar que o PCP defenderá, fiel à sua ideologia, o controle público de todas as principais funções do Estado, nele se incluindo meios de produção (mesmo que fora das áreas de soberania), forte oposição à propriedade privada, ao mérito individual e pela luta de classes, que por fim à burguesia pelo tomada do poder pelo povo, na necessária luta de classes que terá de acontecer.

Já em partidos mais “oportunistas”, baseados mais em causas e menos em princípios e sem respostas completas ou programáticas bem definidas, o debate fica mais

confuso pois, se não há ideologia a defender, não há conteúdo ideológico a salvaguardar. Veja-se o caso do PAN, do LIVRE ou do CHEGA em que, o que serve de resposta hoje, pode ser renegado amanhã.

A Iniciativa Liberal é um partido amarrado a uma ideologia de que é refém. Sendo um partido recente, é monote-mático nas soluções e que – qual antibiótico de largo espectro – a tudo responde com “mais liberalismo”, do ensino à saúde, do mercado aos costumes.

Herdeiro do CDS e de franjas do PSD é, por natureza dos seus apoiantes, um partido de matriz conservadora nos costumes mas liberal na economia. Contudo, o seu “remédio liberal” coloca-o a defender propostas (nomeadamente nos costumes) que, creio, desconfortam ou violentam a consciência do seu eleitorado. Mas a “ideologia” liberal assim obriga.

E ainda dizem que as ideologias já não contam para nada...

Deixei para o fim o PSD e o PS, parecidos na diversidade interna, mas diferentes na ideologia e nos modelos de governação.

Ambos evoluíram nas suas conceções ideológicas de raiz, seja empurrados pelos ventos de História, seja pela marca que cada líder impõe ou transporta. O PS de Mário Soares esta(va) bem longe de Guterres ou José Sócrates, como Cavaco Silva não replicou Sá Carneiro ou Rui Rio decalcou Passo Coelho.

Mas, mesmo nesta relativa amplitude que é a marca dos dois grandes partidos do chamado “centro político”, há ideologia e muitas e relevantes são as diferenças que nos separam. Mas esse é outro tema.

CÂMARA ALTA
**FAZER
 POLÍTICA**

Por Carlos Moedas

O mundo vive grandes transformações

O mundo vive grandes transformações: da transição energética à digitalização, elas têm impacto na nossa vida individual e coletiva. Perante este impacto, será uma irresponsabilidade social e ética se, como políticos agentes da mudança, não soubermos ler e agir nestes novos tempos.

O mundo digital mudou o mundo físico e tornou urgente uma nova forma efetiva de fazer política. E é nas cidades onde a encontramos. Rahm Emanuel, antigo Mayor de Chicago, dizia que elas são os «hubs das ideias que movem a energia económica, intelectual e cultural do mundo». Eu concordo: a política de futuro está nas cidades.

Mas o que é esta política de futuro? Desde logo, é uma política com audácia para estar ao lado das pessoas, para ser participativa, próxima e inclusiva. É uma política que não se desliga da vida real das pessoas, em todas as suas dimensões.

Primeiro, ela tem a audácia de se abrir às pessoas. Diz-se que elas se afastaram da política, mas tal não significa que não querem participar. Na era digital as pessoas querem contribuir. Nós temos de saber abrir a política às pessoas e corresponder às suas expectativas de participação e mudança. Sem medos. Foi assim que fiz o Conselho de Cidadãos, que já juntou 100 lisboetas para debater e apresentar ideias concretas para a cidade, e que me fez perceber o quão afastados da vida real estão certos políticos. Lembro-me quando a esquerda quis fechar a Av. da Liberdade ao trânsito. Perante isto, as pessoas diziam que não fazia sentido, que preferiam zonas nos seus bairros que ocasionalmente fechassem ao trânsito. Foi daqui que saíram os superquarteirões que existem em Lisboa. O bom-senso das pessoas sobrepôs-se às imposições político-partidárias!

Segundo, tem a audácia de ser uma política próxima que responde aos problemas das pessoas. E um desses problemas é o acesso à saúde, sobretudo nos mais idosos. Respondemos com um Estado Social Local que faz o que o Estado central não consegue, através do Plano de Saúde Lisboa 65+, que já mudou a vida de 12 mil lisboetas.

Por último, tem a audácia de ser uma política inclusiva. Feita para «todos, todos, todos», parafraseando o Papa Francisco. Concretizámos os transportes públicos gratuitos para os mais velhos e os mais novos, já usados por mais de 90 mil lisboetas. Mesmo contra todos os obstáculos, tivemos a audácia de executar esta medida, que mostra que Lisboa faz a transição energética com as pessoas.

O mesmo na habitação. Enquanto para o PS a solução está nas expropriações, eu quero o Estado a dar o exemplo. Estou a fazê-lo em Lisboa, com o maior investimento de sempre: 800M€ para a habitação. E, não tivesse o PS chumbado duas vezes a minha proposta de isenção de IMT para os jovens, muitos poderiam estar já a comprar a sua primeira casa.

Esta audácia é o que Sá Carneiro defendia ao dizer que a social-democracia deve fazer com que «o desenvolvimento esteja ao serviço da pessoa». É o que tenho feito desde que sou presidente da CM de Lisboa: ao reduzir impostos com a devolução gradual de IRS; ao entregar mais de 1200 casas às pessoas; ao investir na limpeza da cidade como nunca se fez; ao criar a Fábrica de Unicórnios; ao implementar medidas concretas de combate às mudanças climáticas, substituindo a iluminação por lâmpadas LED ou concretizando o Plano Geral de Drenagem.

Fazer Política é servir as pessoas. É isto que me move. É isto que nos deve mover enquanto agentes de mudança. Sem medos, convictos de que o que fazemos melhora a vida das pessoas e melhora Portugal.

SÃO CAETANO ÀS LAPAS

SOCIAL DEMOCRATA COM ORGULHO

Por Álvaro Beleza

Em outubro de 1974, era eu aluno no Liceu Padre António Vieira em Lisboa e quando vinha da escola para casa debatia com os meus colegas mais chegados se haveríamos de nos inscrever num partido ou não.

Eu, o Chico, Miguel e Zé Francisco éramos quase os únicos sociais-democratas no liceu, rodeados por marxistas, Trotskistas, Maoistas e libertários...

Fui à sede do Partido Socialista em Alvalade e à do PPD na Duque de Loulé buscar papéis e documentos informativos, e depois de leitura e reflexão demorada decidi entrar no PPD. Como era ainda menor, tinha 16 anos, disseram-me para ir ao largo do rato inscrever-me na JSD. Lá fui de metro até ao marquês e subi a avenida até ao Rato, percurso que aliás fiz inúmeras vezes em 74 e sobretudo em 75.

Depois, em 75 abriram as sedes do PPD na João XXI e no Campo Pequeno, onde ia todos os dias depois das aulas, que

saudades dessas reuniões conspirativas, das sessões de formação política com a Helena Roseta... em 75, no 11 de março dormi na sede da João XXI para a defender se houvesse necessidade e nesses dias ajudei a pintar um mural em frente que ficou ali anos até se construir a sede da CGD.

Que aventura esses anos de 74 e 75, a enorme manifestação da Alameda, liderada por Mário Soares, onde estive com bandeira do PPD e onde se iniciou a minha admiração por Soares, a viagem absolutamente heroica para o comício de Beja!

Em 1975, já no Liceu Rainha D. Leonor, no primeiro ano de escolas mistas, foi um ano único: RGA e greves constantes e foi com orgulho que conseguimos, com a participação única da Margarida Marante, liderar a comissão de estudantes, era o único liceu em Lisboa onde a JSD liderava.

E fico por aqui para não ser maçador, mas poderão perceber melhor porque geograficamente estou ligado ao largo do Rato e ideologicamente estou exatamente como há 50 anos, na social democracia! Como imaginam já estou demasiado velho para mudar...

Espero que o Partido Socialista continue a banhar-se na social-democracia assim como o PSD, apesar de em algumas épocas um e outro terem inclinado demasiado para a esquerda ou direita respetivamente, eu cá continuarei tranquilamente na social democracia.

Para um social-democrata desde miúdo, que iniciou aos 16 anos a intervenção política, foi um privilégio e um gosto imenso estar na Universidade de Verão 2023 em Castelo de Vide.

Partilhei um pouco da minha experiência e das minhas convicções, tentando transmitir a mensagem que a política é o mais nobre do dever cívico, que estou absolutamente certo as novas gerações farão se lhes derem espaço!

Acredito, como acreditava nos idos de 74, num futuro melhor e que Portugal tem todas as condições para ser a Suíça do Sul ou a Califórnia da Europa. A minha geração é testemunha de uma mudança em progressão geométrica de Portugal e da Europa e continuo a acreditar que esse desígnio só depende da nossa vontade e querer.

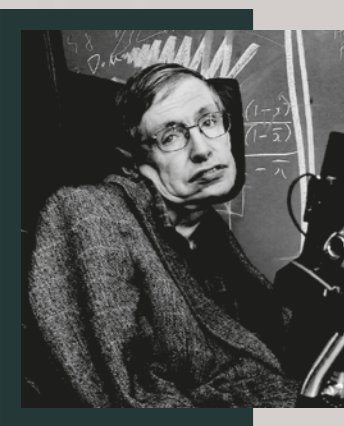
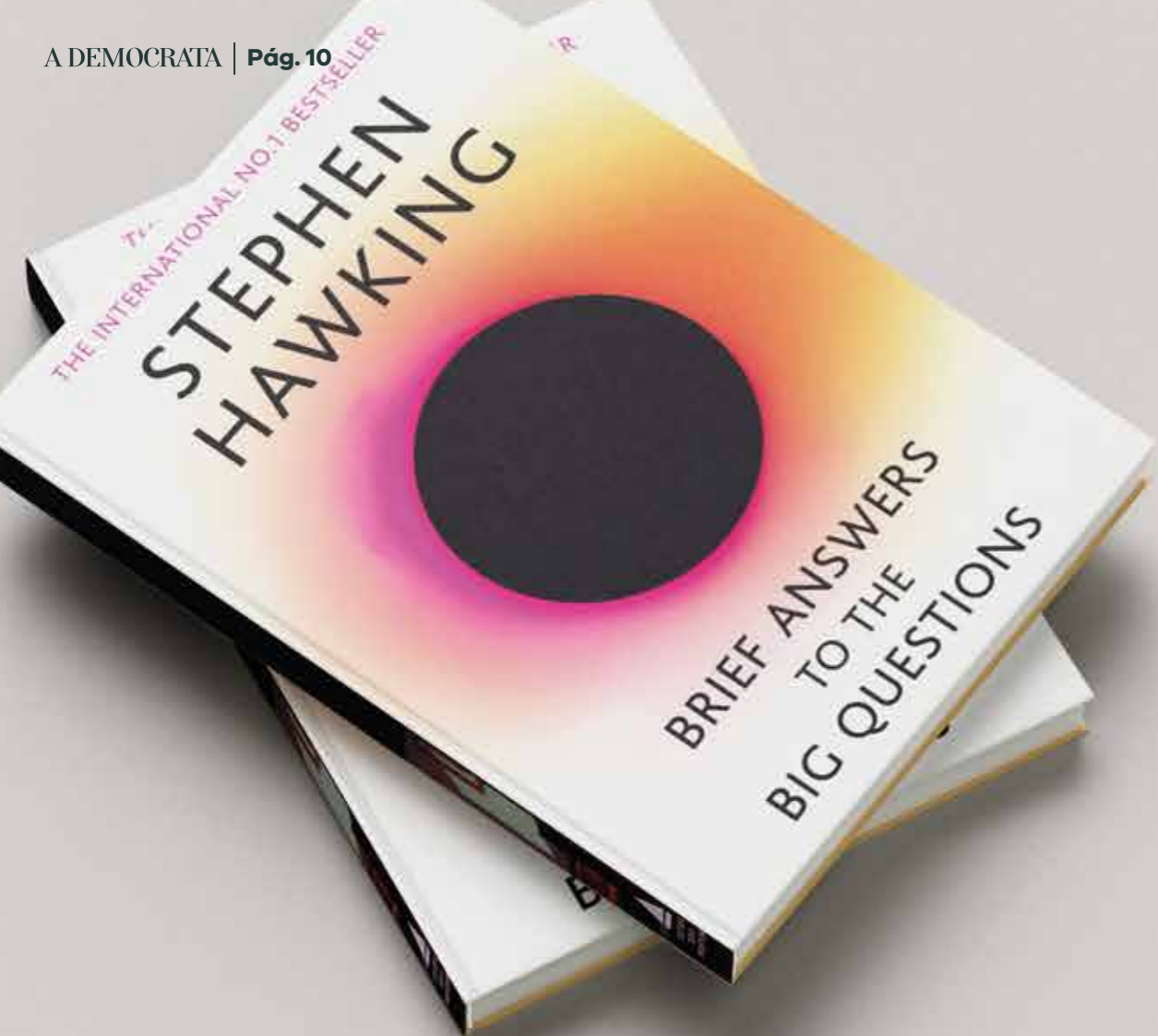
Melhor dizendo, da vossa vontade e por favor não tenham medo de ter ambição, ambição para que Portugal dê oportunidades a todos, seja o país da tolerância, inclusão, a sociedade aberta e solidária que nos diferencia.

Persistência nas convicções, trabalho, ouvindo quem sabe, não ter medo de errar e corrigir o erro, mas com a alegria que vi em Castelo de Vide, será possível construir esse país!

Como militante do Partido Socialista que sou com muito orgulho, como Presidente da SEDES, onde se pensou e idealizou o PPD, assim como parte considerável do PS, agradeço a oportunidade de partilhar o nosso trabalho, em especial o livro "Ambição, duplicar o PIB em 20 anos" que apenas pretende por à disposição do país uma visão e um guião para um Portugal mais justo, mais próspero e mais democrático.

Parabéns ao Carlos Coelho, um líder marcante da JSD, um verdadeiro senador europeu e a referência da formação política em Portugal. Obrigado pelo gentil convite, e estendi a minha gratidão ao Luís Montenegro e ao Alexandre Poço, que deram o exemplo de abertura e fairplay ao convidar já grinalho militante do Partido Socialista para a vossa Universidade de Verão 2023!





Stephen Hawking

Stephen William Hawking (Oxford, 8 de janeiro de 1942) foi um físico teórico, cosmólogo e autor britânico, reconhecido internacionalmente pela sua contribuição à ciência, sendo um dos mais importantes cientistas do século.

No seu livro de 2018, Stephen examina alguns dos maiores mistérios do universo, e defende a ideia de que a ciência é uma das formas mais importantes e adequadas para resolver os problemas do planeta.

DO PONTAL ATÉ À LAPA

CRÍTICA CULTURAL

"Brief Answers to the Big Questions" é mais do que uma exploração contemplativa do universo, é o legado de Stephen Hawking para a humanidade, uma bússola que reúne um conjunto de contributos culminando com a sua publicação em 2018 e com a qual podemos navegar nas águas turbulentas da nossa era. Com a precisão que se lhe reconhece, Hawking elabora uma narrativa que se estende desde a vastidão do universo até às complexidades dos dilemas do nosso próprio planeta.

No centro desta narrativa está o espetro

sinistro das alterações climáticas. Como Hawking elucida, o nosso planeta encontra-se numa conjuntura crucial. A subida do nível do mar, a escalada das temperaturas e a ameaça crescente de colapso ecológico não são meras questões ambientais, são desafios existenciais. Apesar disso, o tom não é de desespero, mas de urgência. Fá-lo justapondo a fragilidade do nosso planeta com a tela infinita do universo, sugerindo que as soluções para os nossos problemas terrestres possam ser encontradas olhando para as estrelas. O estado de deterioração da Terra é



Navegando no Futuro:

Um mergulho profundo em "Brief Answers to the Big Questions"

de Stephen Hawking, por David Pereira de Castro

simultaneamente um aviso e um impulso para a exploração do universo com uma página em branco, sem dogmas ou princípios inabaláveis, procurando inclusive potenciais habitats para além do nosso sistema solar.

Um dos fascinantes momentos que espelham esta abertura total para explorar outros habitats, ou até aceitar que talvez não sejamos uma circunstância única, e que assistimos neste decorrer pelos grandes temas da humanidade é precisamente a sua relação com a existência de Deus. Longe de qualquer dogma de fé, senso de espiritualidade ou até atribuição de qualquer valor ao peso da alma no nosso quotidiano, o seu pragmático racionalismo confronta os mais religiosos, como eu, com um conjunto de argumentos assentes na base das leis da física, cujos quais os explora mais aprofundadamente no seu livro "The Great Design". Hawking atribuiu uma total espontaneidade à criação do universo. Ainda assim, o próprio mantém um conjunto de ideias que espelham uma clara inquietude face à necessária busca constante pela espiritualidade através da religião.

A complementar estas perspetivas está o profundo potencial da inteligência artificial (IA). Embora o universo nos possa oferecer novas moradas para habitar, é a IA que nos pode ajudar a transcender os nossos desafios atuais. Hawking pinta um quadro em que a IA, com as suas capacidades computacionais sem paralelo, se torna um aliado essencial. Desde a previsão e atenuação dos impactos das alterações climáticas à otimização da afetação de recursos e até à ajuda aos nossos esforços de exploração espacial, a IA surge como uma ferramenta fundamental. No entanto, não se trata de uma celebração ingénua da tecnologia. As notas de advertência de Hawking sobre os riscos potenciais do desenvolvimento descontrolado da IA servem como lembretes sóbrios da linha tênue entre a inovação e a arrogância. Ainda assim, e como é frequentemente mencionado, é através da IA que assistiremos a uma tremenda transformação da capacidade de exploração

do universo (do espaço e do tempo). Uma onda que o próprio afirmava estar a iniciar-se e ser ainda mais impactante que os marcantes anos 50 a 70 do século passado.

O Telescópio Espacial James Webb (JWST), entre outros extraordinários acontecimentos vividos recentemente, e apesar de não ser explorado em pormenor no livro, encarna a síntese da visão de Hawking. Representa a curiosidade insaciável da humanidade e a nossa incansável vontade de explorar o desconhecido. À medida que o JWST revela as narrativas distantes do universo, reafirma o nosso lugar no cosmos e sublinha a importância do nosso investimento contínuo na ciência e na exploração.

No entanto, o que verdadeiramente eleva "Brief Answers to the Big Questions" é a ênfase de Hawking ao elemento humano. Para além das maravilhas da tecnologia e das maravilhas do universo, são os nossos valores, ética e aspirações comuns que determinarão a nossa trajetória. Como podemos garantir que os nossos rápidos avanços tecnológicos são acompanhados por uma evolução moral e ética coletiva? Como podemos promover a colaboração e a unidade num mundo frequentemente fraturado pelas diferenças?

A obra-prima de Hawking é um apelo à introspeção, à colaboração e à ação. É um lembrete de que o nosso destino não está predeterminado, mas é moldado pelas nossas escolhas. Numa altura em que nos encontramos na encruzilhada de desafios sem precedentes e de oportunidades sem paralelo, "Brief Answers to the Big Questions" serve tanto de guia como de desafio: imaginar e forjar um futuro que seja harmonioso, sustentável e, acima de tudo, esperançoso. O livro não é apenas um reflexo do génio de Hawking, mas um testemunho do potencial humano. Exorta-nos a combinar prudência com ambição, a harmonizar as nossas proezas tecnológicas com as nossas responsabilidades éticas e a criar um futuro em que a humanidade prospere tanto na Terra como entre as estrelas.



“O MUNDO EM LARGA MEDIDA FEITO À IMAGEM E SEMELHANÇA DA CIVILIZAÇÃO EUROPEIA”

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA

ENTREVISTA

MIGUEL MORGADO

No teu último livro “Guerra, Império e Democracia: A ascensão da Geopolítica Europeia”, dizes que a hegemonia do mundo Euro-Americano, ou seja, o ocidente, se vai perder. Existe volta a dar, ou manifestamente a história do mundo vai migrar para outra realidade cada vez menos ocidental?

Se examinarmos as variáveis que determinam as grandes tendências que subjazem ao poder relativo dos países e das regiões, verificamos que, na demografia, na economia, na supremacia tecnológica e por aí adiante, a hegemonia Euro-americana dos últimos 300 anos já chegou ao fim. Isto não quer dizer que o Ocidente desaparecerá sem deixar rasto. E muito menos quer dizer que viveremos no meio de ruínas. Estamos a falar da perda de “poder relativo”. E com essa perda vem a interrupção do que tivemos nos últimos 300 anos: um

mundo em larga medida feito à imagem e semelhança da civilização europeia. Agora teremos o ressurgimento de outras potências e, com elas, um mundo, cultural e espiritualmente falando, mais fragmentado. De algum modo, regressamos às posições relativas entre regiões e países que tínhamos no início do século XVIII.

Consegues prever qual poderá ser essa nova realidade e como se irão formar os equilíbrios de poder?

É muito difícil prever porque a geopolítica é marcada, por um lado, pelo estudo das grandes tendências mais ou menos subterrâneas que ajudam a determinar uma parte importante da realidade política, económica e cultural - como a demografia, por exemplo. Este estudo por vezes dá uma confiança excessiva em previsões que se possam arriscar.

Mas, por outro lado, a geopolítica tem de ser a atenção minuciosa ao papel da contingência na orientação do curso dos países, das regiões e do mundo. Não sabemos o que o futuro nos reserva na engenhosidade humana, nas alterações climáticas, na evolução dos sistemas políticos internos de cada um dos países, ou nas consequências das actuais e futuras revoluções tecnológicas. Contudo, é possível dizer que haverá nesta e nas próximas décadas uma afirmação do poder destas potências emergentes - e não apenas da China - que têm, por um lado, um factor de unidade geral e que é o ressentimento anti-Occidental. Mas, por outro lado, têm também divergências e poderosos factores de conflito entre elas. O caso mais evidente é o da Índia e da China. Mas há mais. Do lado Ocidental, muito vai depender da estabilidade e funcionamento dos sistemas políticos internos.

A Europa volta a estar em guerra, quais as consequências da guerra na Ucrânia para essa perda de hegemonia ocidental? Achas que pode acelerar esse declínio, ou por outro lado por ser uma forma de aglutinar um espaço que se foi dividindo?

É uma guerra atroz, injustificada e criminosa que a Rússia iniciou a partir de um entendimento típico de que vivemos num mundo "pós-Occidental". Por isso é que muitos observam que aqui está mais em jogo do que apenas a independência da Ucrânia. Uma vitória da Ucrânia significaria que não se destroem as instituições e regras do mundo "Europeu" impunemente. E que uma certa interpretação da ordem internacional ainda não caducou totalmente. Ao mesmo tempo, seria uma rejeição manifesta de um preconceito proveniente do tal ressentimento anti-Occidental, que Putin tem procurado cinicamente cultivar, segundo o qual na Europa e na América somos fracos e decadentes, incapazes de nos defendermos nem de defendermos os nossos aliados.

Para o ano temos Eleições Europeias e a formação de um novo Parlamento Europeu. O que é consideras relevante no próximo mandato das instituições europeias?

Tudo agora foi condicionado pela guerra na Ucrânia. A separação económica relativamente à Rússia, e uma maior cautela quanto ao relacionamento económico com a China, apontam para índices de maior autossuficiência no espaço europeu e dos seus aliados inequívocos em muitas áreas, desde as fontes de energia até à produção industrial de determinados bens ou matérias-primas. Além disso, haverá alargamentos no horizonte, e o da Ucrânia, será um enorme desafio e transformação das instituições europeias. Por outro lado, a questão das migrações e do investimento sério em defesa continuará na ordem do dia, sem que haja soluções fáceis ou óbvias para estes desafios.

Qual é que deve ser o papel de Portugal em termos de política externa e na Europa?

Portugal continua a ser um interlocutor privilegiado com alguns países africanos que adquirirão uma enorme importância para a Europa nas próximas décadas. Ao mesmo tempo, deve bater-se pela preservação da unidade europeia, de acordo com uma interpretação imparcial dos valores europeus, em conjugação com a manutenção da aliança Atlântica com os EUA e com o Canadá. É a linha geral portuguesa desde há muito tempo e que assim se deve manter. Agora, com uma postura mais explícita de aprofundamento da relação com África a todos os níveis e sem receio do que a reconstrução da Ucrânia a seguir à guerra significará para a redistribuição dos fundos europeus e em termos da deslocação do centro de gravidade europeu para o Leste.

Durante alguns anos, trabalhaste de perto com o Primeiro-Ministro Pedro Passos Coelho. Que memórias guardas desse período? Alguma que te tenha marcado de forma mais especial?

Guardo muitas. Foi para mim um processo muito profundo de aprendizagem. Vários episódios marcantes desse período governativo ficaram marcados na minha memória, naturalmente. Desde a crise da TSU, ou do "irrevogável" de Paulo Portas, até à declaração de que tínhamos concluído o Programa de Assistência e deixado para trás esse período terrível forjado pelo Partido Socialista, abrindo uma vez mais o futuro do País e conseguindo ao mesmo tempo fazê-lo sem rupturas traumáticas no sistema político, como sucedeu noutros países. Além disso, não esquecerei a experiência que foi trabalhar para Pedro Passos Coelho, um primeiro-ministro excepcional, a quem eu, como português, muito devo.

Nos últimos anos tens sido bastante ativo nas tuas opiniões sobre o PSD, o seu futuro, os seus projetos e a sua capacidade de ter sucesso eleitoral. Acreditas que o PSD está no caminho certo para vencer as próximas eleições legislativas?

Acredito que sim. Mas sempre me pareceu, e disse-o publicamente, que seria um caminho muito difícil. Não só porque em Portugal as governações socialistas caracterizam-se por uma incansável colonização do Estado e da sociedade civil que torna muito difícil expandir a consciência da necessidade de uma alternativa política. Mas também porque - e esse é um dos legados mais negativos e duradouros das presidências de Rui Rio - hoje o PSD enfrenta uma concorrência feroz no espaço público e mediático do IL e do Chega, partidos que têm, até agora, colhido o apoio de muita gente que em tempos votou no PPD. Isso significa, numa pura aritmética partidária, que é hoje mais difícil ao PPD crescer para valores que lhe dessem uma vitória confortável sobre o PS. A estratégia política do PSD não pode perder de vista por um segundo esta circunstância.

"É POSSÍVEL DIZER QUE HAVERÁ NESTA E NAS PRÓXIMAS DÉCADAS UMA AFIRMAÇÃO DO PODER DESTAS POTÊNCIAS EMERGENTES"



“É CRUCIAL EM TODAS AS SOCIEDADES EUROPEIAS QUE SE MANTENHAM VIVAS AS FORÇAS DE RENOVAÇÃO DA SOCIEDADE.”

Achas que a políticas de blocos à esquerda e à direita pode ser benéfica ou prejudicial para a democracia? É possível voltar ao mundo pré-2015 em que quem vencias eleições tinha a chance de governar?

O PS rompeu com esse mundo pela razão da conveniência pessoal de António Costa quando foi derrotado por Passos Coelho em 2015. Só regressaremos a esse mundo quando o PS tomar a iniciativa de viabilizar um governo minoritário do PPD. Está do lado do PS. Mas não creio que haja desse lado muita vontade para regressar a essa tradição. Pelo contrário, vê-se uma disponibilidade preocupante em muitas vozes do PS para manter vivas coligações com partidos extremistas, ao mesmo tempo que batem no peito torturados pela ascensão dos radicalismos políticos em Portugal e na Europa.

Consegues adjetivar numa palavra ou expressão os governos de António Costa?

Foi uma tremenda oportunidade perdida para o país. Desperdiçámos as condições que tínhamos feito em 2015 para fazer o país crescer, reactivar a mobilidade social e cuidar das instituições políticas e infra-políticas. E numa conjuntura internacional extraordinariamente favorável para nós até 2019. De resto, os governos de António Costa pouco mais são do que administrações do aprofundamento do poder do PS sobre a sociedade portuguesa.

Vemos cada vez mais no espaço mediático focos da chamada cultura woke, sabendo que os conceitos são permeáveis aos tempos, acha que o conceito de “Liberdade” está a mudar?

O conceito de liberdade foi sendo interpretado e reinterpretado politicamente ao longo dos séculos. No nosso tempo também é assim. A isto cabe acrescentar que houve no passado interpretações políticas do conceito de liberdade que a sublimaram, como houve outras que a perverteram. O nosso tempo não é diferente. O wokismo traz consigo uma interpretação perversa da liberdade - e da justiça também, já agora.

No Jornal “A Parodia” de Bordalo Pinheiro, saiu um cartoon no nº97 do dia 20 de novembro de 1901 que tinha o título: “Sem casa, Sem Cama e Sem Mesa”, sátira alusiva ao “Pesadelo do Inquilino”. Passado tantos anos, tem explicação para que os problemas estruturais do país sejam praticamente os mesmos? Estaremos condenados a não sair da cepa-torta?

Não diria que os problemas estruturais sejam exactamente os mesmos. Não podemos comparar o País de 2023 com o de 1923, nem sequer com o País de 1973. Já tivemos períodos de desenvolvimento económico, social e cultural importantes. Em democracia, um desses períodos foi o da governação do PPD sob a liderança de Cavaco Silva. O que está agora em

causa é reunir as condições para iniciar um novo ciclo de prosperidade e de robustez das instituições.

Isso depende de haver um projecto político com essa consciência e de garantir que é bem sucedido. O que é mais fácil enunciar do que fazer, claro. Mas que não temos de nos resignar a um destino colectivo medíocre, não temos. O abaixamento do nosso olhar é o caminho mais seguro para a actualização desse destino medíocre. Pelo contrário, a esperança com a exigência podem fazer maravilhas.

Portugal é reformável?

É crucial em todas as sociedades europeias que se mantenham vivas as forças de renovação da sociedade. Em Portugal ainda mais crucial é. Fazer reformas é imprescindível - reformas sensatas, equilibradas e sujeitas a escrutínio futuro. Não podemos é contar com a esquerda para isso. Terá de ser o PPD a não largar esse estandarte.

Algum dia estarias disponível para te candidatares à Câmara Municipal de Setúbal, e resgatá-la ao PCP?

É muito importante que o PPD possa vencer a Câmara de Setúbal, uma cidade com um extraordinário potencial. Mas não comigo. Infelizmente, não tenho vocação para a política autárquica, embora esteja muito consciente da sua importância para o bem comum dos Portugueses e para a vitalidade da democracia.

Já tens tema para o próximo livro? Podemos saber qual?

Já. O tema é o amor como princípio de ordem política. É um tema difícil sobre o qual já estou a escrever há algum tempo. Será a conclusão da minha trilogia de “princípios de ordem política”. Primeiro, a “autoridade” (2010); depois, a “soberania” (2021); e finalmente o “amor”.

Seja como for, já escrito e acabado irei publicar no início de 2024 o meu novo livro intitulado “Introdução ao conservadorismo”. Nesse livro procuro analisar o conservadorismo enquanto filosofia política, não deixando de compará-lo com o liberalismo, o socialismo, o anarquismo e o totalitarismo. E não deixarei de dar o meu contributo para a superação teórica da crise em que o conservadorismo vive actualmente.

Pensas no futuro voltar a candidatar-te à liderança do PPD/PSD?

Não! Essa garantia (e tranquilização!) posso dar a todos. Não voltarei a seguir esse caminho. Foi um comboio que já partiu da estação e não volta atrás.

MIGUEL MORGADO
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

LARANJA MECÂNICA

Todas as edições uma história icónica do PPD/PSD.

// EXERCÍCIOS DE OBSERVAÇÃO

por Maria João Avillez

1 – Líderes. Lideranças. Sempre as observei, sempre me interpelaram. Definem um político, mas será porventura quase impossível defini-las: de que serão feitas ao certo? Quais os ingredientes, em que proporções? Para o bem e para mal a capacidade de liderança define um político, certifica as suas escolhas, classifica o seu legado. Com a mesma certeza não seremos, porém, capazes - eu não sou - de decompor a natureza de uma liderança. Dom? Talento? Intuição? Treino? Autoridade? Não sei. Isto dito, interrogo-as em acção: procurando o instinto do guerreiro, a autoridade do general, a transfiguração da vontade da política num voto. Retenho-lhes o verbo e o gesto, sigo o voo de um e outro, procurando captar a possibilidade -sim ou não? - de um destino nacional.

Nunca me cansei destes formidáveis exercícios de observação. Muitos deles foram feitos ao vivo e "in loco", no PSD; outros, fora dessa geografia partidária, mas aquilo de que me ocupo hoje não é de vitoriosos condutores ou falhados chefes. Do que quero falar é dessa solidão - natural, procurada, provocada -que se diz "obrigatória" nas grandes lideranças, porque indeligiáveis do poder. Será sempre assim? Se for, julgo ter visto a mais imensa -e imensamente sóbria - solidão porventura corporizada num líder em funções.

2 – Nunca saberei definir a solidão que durante quatro longos anos vi em Pedro Passos Coelho. Ia-me apercebendo dela durante aqueles duríssimos tempos que acompanhei de perto. Não que ele a assumisse ou sequer a evocasse: era ela que se evocava a si mesma como se fosse transparente, estava ali. Nele, no seu gabinete, nos seus dossiers, nas suas decisões. Em qualquer das suas etapas fora e dentro do país, era uma omnipresente companheira num combate desigual.

Só havia fel, não havia mel: a demencial herança deixada pela governação socialista de Sócrates – a conhecida e a escondida; as drásticas medidas da troika negociadas pelo PS, o desprezo sulfúrico desse mesmíssimo PS face à exigência do seu cumprimento; o poder das oposições de esquerda “legitimado” pela cumplicidade da media e a militância da rua, tinham a força de um cerco e o labelo da acusação: o primeiro-ministro Passos Coelho, era “o” culpado, que viesse o cerco e o castigo.

A resposta foi a única que o líder sabia dar: permanecer. Naquela espécie de irremediabilidade trágica que parecia ter tomado conta das coisas, tudo parecia impossível menos para ele. Talvez porque não soubesse desistir, acreditava. Ferozmente impopular, decidia e governava. Sozinho ou quase, liderava num lago de solidão.

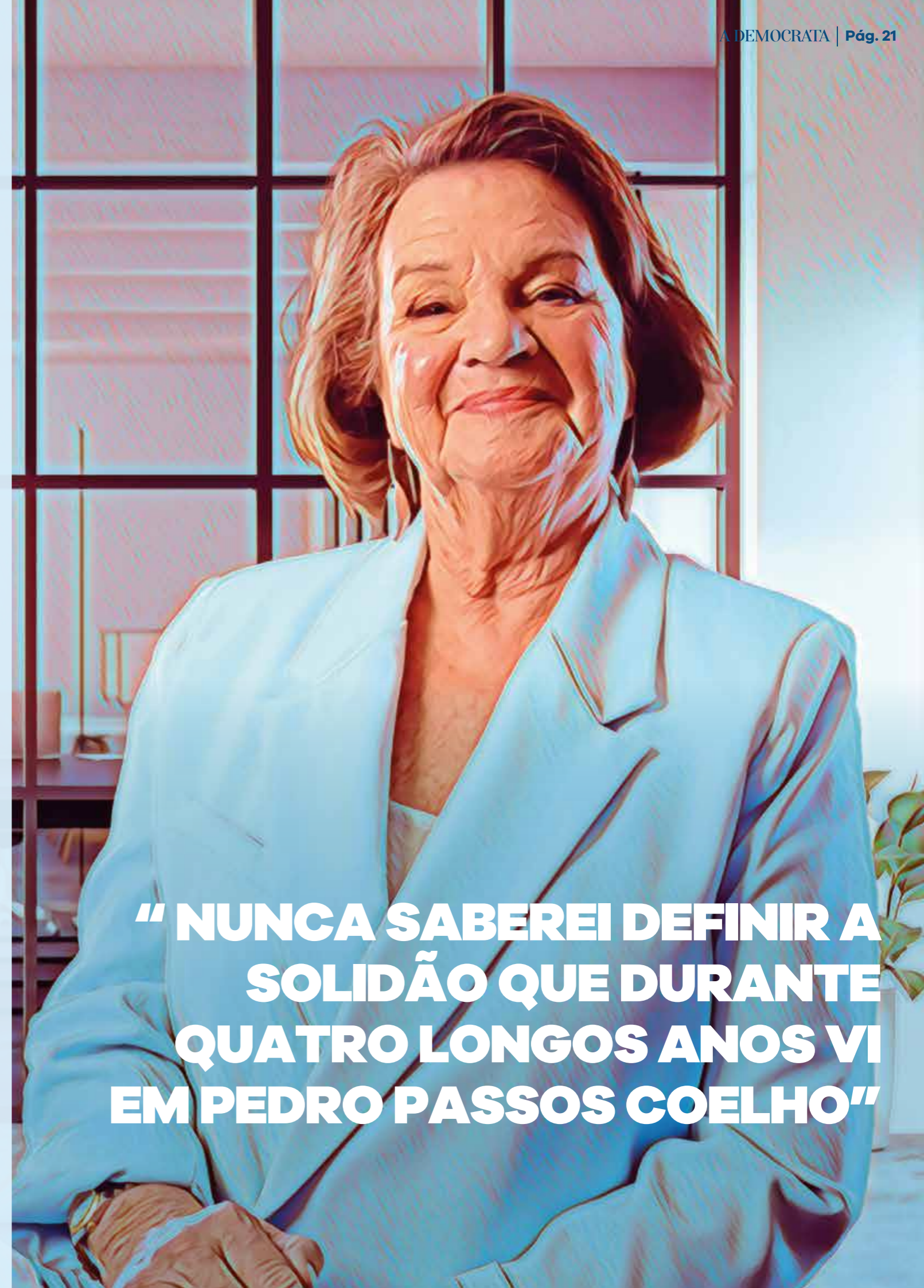
Um dia, as águas ficaram mais escuras quando o seu parceiro de coligação se dispôs a abalar de vez, antecipando o risco de um Governo sem chão no Parlamento. Pedro Passos Coelho sabendo que “ali ao leme era mais do que ele”, continuou. Como até aí.

E depois houve um dia em que as águas do lago escureceram de vez quando a sua amada Laura se despediu da vida sonhada a meias com ele, levada pela implacabilidade de outro combate desigual. Sozinho, o primeiro-ministro esteve oito horas de pé recebendo condolências, a todos cumprimentando, uma palavra, um aceno, um abraço. A responsabilidade da função vetava-lhe a privacidade: secreto e discreto, tinha-se apenas a si mesmo no seu lago, agora tão negro.

3 – Nunca lhe ocorreu apiedar-se sobre si próprio. O sofrimento treina, o dom da liderança, ampara. Por entre o cerco, a má-fé, a falsa “certeza” da inevitabilidade de um 2º resgate estampada na media, o país começava porém a crescer, o descrédito internacional invertia a sua rota, dispensavam-se as ultimas tranches da troika, saía-se “limpamente”. Ganhou as eleições de 2015. A solidão defendeu-o dos assaltos e foi-lhe refúgio, é certo. Mas era preciso tudo resto, ou seja, tudo o que ele fornecia à política, liderando-a. Nunca lhe perguntei, mas acho que ambos sabemos que apesar de “haver resultados”, apesar do PSD, apesar do CDS, apesar das coligações ampliarem votos, foi ele que ganhou.

4 – Não escrevi nem descrevi um santo, um herói, um génio, um mártir. Falei tão só de um líder e da qualidade da sua liderança. Testemunhei, segui, observei outras. Tenho gratíssimas memórias, deixei registos de elogios e notícia de grandes feitos políticos. Mas por qualquer razão que um dia talvez eu perceba melhor ainda, retive particularmente esta liderança. Admirável patriota.

Maria João Avillez
Escritora



“NUNCA SABEREI DEFINIR A SOLIDÃO QUE DURANTE QUATRO LONGOS ANOS VI EM PEDRO PASSOS COELHO”

JSD LOOK & FEED

O QUE SE PASSA NAS NOSSAS REDES

Fica a conhecer quais os conteúdos que tiverem mais buzz este mês!



Acompanhe as nossas redes



AGENDA

FICA A PAR DAS PRÓXIMAS INICIATIVAS



O regresso da Volta Nacional do Secundário e Superior

Depois de Porto, Setúbal, Algarve, Castelo Branco e Lisboa no final do último ano letivo, a JSD volta à estrada neste início do novo ano letivo 23/24 com o regresso da Volta Nacional nos próximos meses em diferentes escolas, faculdades e politécnicos.



Trabalho parlamentar da JSD é retomado este mês de setembro

Após a pausa dos trabalhos parlamentares, a JSD volta em força ao trabalho na Assembleia da República para fazer ouvir as preocupações das novas gerações com oposição ao Governo, defesa de iniciativas e propostas e com a permanente auscultação da sociedade civil na Casa da Democracia.



YEPP Council Meeting em Zagrebe

Entre os próximos dias 21 e 24 de setembro, realiza-se em Zagrebe, Croácia, o próximo Council Meeting do YEPP, no qual participarão o Alexandre Poço e o João Cerejo dos Santos. A moção que a JSD levou ao Congresso de Braga, realizado em junho, será discutida em detalhe nesta reunião.



PROPOSTAS JSD OE 2023

A JSD no Orçamento do Estado para 2024

Como tem sido hábito nos últimos anos, a JSD aproveitará a discussão do Orçamento do Estado para 2024 para apresentar as suas prioridades e propostas orçamentais, nomeadamente no que diz respeito à Habitação, Salários, Fiscalidade, Educação, Ensino Superior, Ciência e Cultura



❤️ 626

O post com mais interações de junho

TOP 5 Conteúdos do mês





ENSAIAR O FUTURO

LER E ESCREVER SÃO VERBOS IRREGULARES?

Por Ana Rita Bessa

Em 2018, a propósito da publicação de estatísticas e relatórios com relacionados com o estado da Educação, escrevi um artigo no Observador com o título “Ler e Escrever são verbos irregulares?”.

Na altura, estava Deputada à Assembleia da República e, a partir de um olhar de agente de política pública, verificando que se registava insucesso escolar tão cedo quanto aos 7 anos, argumentei que as causas estavam estudadas – sendo a falta de leitura uma das principais – e que até as escolas onde era mais urgente atuar estavam identificadas, mas que as respostas do Ministério da Educação não eram as necessárias ou suficientes.

Em 2023, a propósito dos resultados do PIRLS (Progress in International Reading Literacy Study), estando eu num ponto diferente de observação e intervenção sobre o sistema educativo, voltam a inquietar-me os baixos índices de leitura e a desigualdade que lhes subjaz e sucede.

O PIRLS é um estudo internacional de avaliação da literacia de leitura, concebido para fornecer informação acerca das tendências do desempenho dos alunos do 4.º ano. É promovido pela International Association for Evaluation of Educational Achievement e Portugal participou nas edições de 2011, 2016 e 2021.

Em 2021, parte dos alunos fizeram o teste PIRLS na versão digital apresentando uma pontuação média de 520 pontos, 20 acima dos 500 pontos que são a mediana da escala e 8 pontos abaixo em relação a 2016. No caso dos alunos que realizaram o teste em papel, o resultado médio foi de 531 pontos, 3 pontos acima do resultado de 2016.

De uma forma geral, é seguro dizer que em 5 anos não houve progressos relevantes na literacia de leitura dos nossos alunos. E, quando analisamos os resultados deste estudo em maior detalhe, há uma série de conclusões que deviam convocar seriamente a nossa atenção:

- Cerca de metade dos alunos lê diariamente menos de 30 minutos. Os alunos que leem entre 1 e 2 horas por dia (apenas 6%) obtiveram, em média, mais 20 pontos, em relação aos alunos que leem menos de 30 minutos;
- Os alunos muito confiantes na leitura alcançaram uma pontuação média de 554 pontos, mais 89 pontos do que os alunos pouco confiantes, que registaram 465 pontos, em média;
- Os alunos das escolas privadas alcançaram, em média, mais 39 pontos do que os alunos que frequentam estabelecimentos de ensino públicos (resultados apenas da coorte digital);
- Os alunos cujos pais gostam muito de ler obtiveram uma pontuação média de 543 pontos, mais 42 pontos do que os alunos cujos pais não gostam de ler;
- Os alunos cujos pais promoveram frequentemente atividades de literacia informal em casa alcançaram mais 22 pontos do que aqueles cujos pais desenvolveram este tipo de atividades apenas algumas vezes (536 vs. 514 pontos);
- Os alunos que frequentaram três ou mais anos de educação pré-escolar obtiveram mais 36 pontos do que aqueles que o frequentaram um ano ou menos (527 vs. 491 pontos).

“PREOCUPA-ME, SIM, A MATÉRIA DE FACTO”

Portanto, não só não houve progressos relevantes como se mantêm desigualdades que decorrem, é certo, de alguns fatores externos à escola, mas que esta não consegue mitigar, como é a sua missão e como resulta do contrato social que temos com o Estado.

Em 2021, Portugal ocupou a 22ª posição numa escala de 43 países. Em 2021, frequentavam o quarto ano cerca de 86.500 alunos (no total do primeiro ciclo estavam matriculadas 336 mil crianças) – são suficientemente poucos para que a capacidade do sistema educativo possa atender às suas necessidades escolares e, em particular de literacia da leitura; são suficientemente poucos para podermos concretizar uma ambição maior do que o 22º lugar.

Não me preocupa ficar bem “na fotografia” de rankings internacionais, até porque, para esse efeito, é sempre possível desenvolver narrativas ou explicativas ou radiosas, selecionando judiciosamente factos isolados que as consubstanciem.

Preocupa-me, sim, a matéria de facto. De forma sintética, se as crianças não forem ensinadas, e não aprenderem a ler e a escrever proficientemente, não saberão dar nome às coisas nem saberão compreender-se a si próprias e ao que vivem. O que ouvem na escola não lhes fará sentido, seja português, matemática, ciência ou história. Crescerão “coisas” e não caminharão bem ao longo do seu percurso escolar de 12 anos.

E o impacto vai além da escolaridade obrigatória. A simplificação extrema de uma realidade que é cada vez mais complexa,

a falta de memória histórica, a capacidade limitada de distinguir factos de boatos, um desinteresse generalizado por ideias que não se possam comprimir em 150 caracteres, tudo isto conduz a uma sociedade polarizada, mais empenhada em indignações efémeras do que na construção perene.

Vários estudos recentes apontam para uma redução do Q.I. (tomando as devidas cautelas quanto ao valor que devemos dar a esse indicador), contrariando o chamado “Efeito Flynn”¹. Investigadores europeus e norte americanos verificam o maior declínio nos jovens com idades entre os 18 e os 22 anos, afetando a sua capacidade de resolver problemas matemáticos e a sua literacia, designadamente, a extensão do seu vocabulário. Avançam algumas possíveis explicações, relacionadas com práticas escolares desajustadas, uma alimentação inadequada e o aumento da utilização da tecnologia em detrimento da leitura de livros.

Ler e escrever são ainda verbos irregulares. Talvez um antídoto simples para esta (reversível) evolução seja mesmo a leitura, o gosto pela leitura, cultivado desde cedo, em casa e na escola. Com intencionalidade e prioridade no que à política pública diz respeito – e há muitos bons exemplos a seguir para alcançar este desígnio. Não só porque contribuirá para a melhor educação das gerações presentes e futuras – assim cumprindo o contrato social do Estado com aqueles que serve - mas também porque garantirá a formação de todos, na defesa da Democracia que nos permite prosperar.

Ana Rita Bessa
CEO da LeYa

¹ O efeito Flynn é um fenómeno que, durante muito tempo, pôde ser observado em diferentes graus em todo o mundo. Tem a ver com o facto de, durante décadas, as novas gerações obterem melhores resultados nos testes de inteligência do que as suas antecessoras. James Flynn, um cientista político neozelandês, fez esta descoberta no final da década de 1970



RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM



Beatriz Martins
Vogal da CPN da JSD e Advogada

1) Almoçar todos os dias para o resto da vida com André Ventura ou com Mariana Mortágua?

Optaria por fazer jejum intermitente e saltar essa refeição.

2) Gostaria mais de ver regressar ao PSD Isaltino Morais ou Pedro Santana Lopes?

Pedro Santana Lopes.

3) Qual o mal menor: Pedro Nuno Santos ou Fernando Medina?

Se o critério for a escandaleira, o mal menor será o Fernando Medina; na certeza porém que nenhum é "mal menor".

4) Qual o melhor autarca do PSD na atualidade?

O meu Presidente de Câmara (Santarém), Ricardo Gonçalves.

5) Ser presidente do seu município em 2025 ou no próximo governo PSD ser Sub-Secretário de Estado sob tutela de um Vice-Ministro que por sua vez era tutelado por um Ministro-Adjunto?

Sub-Secretário de Estado sob tutela de um Vice-Ministro tutelado por um Ministro-Adjunto creio que me daria imensas dificuldades para colocar no currículo, mas tudo dependeria se teria, em 2025, capacidade e conhecimentos suficientes para presidir ao meu Município, o que não creio. Caso não tivesse, deixaria o lugar para alguém melhor preparado do que eu, e lá me desenrascava com o currículo.

6) Se houvesse um referendo para mudar o nome da "Ponte 25 de Abril" e as duas únicas alternativas no boletim de voto fossem "Ponte Otelo Saraiva de Carvalho" e "Ponte António de Oliveira Salazar", em qual votaria?

Votaria na designação mais aproximada ao seu nome original, "Ponte António de Oliveira Salazar". Não tenho vergonha do nosso passado, tenho vergonha do ponto a que isto chegou.

7) Belém 2026: um ex-presidente do PSD, um ex-primeiro-ministro PSD, ou ex-presidente de um partido com o qual o PSD já esteve coligado?

Escolha difícil. Depende do ex-presidente do PSD e do ex-primeiro-ministro do PSD. Mas a escolha recairia entre um e outro. Se um dos nomes fosse o de Pedro Passos Coelho, a questão estava arrumada.

8) Melhor e pior líder de sempre do PSD?

Francisco Sá Carneiro marcará sempre o PSD pelas melhores razões, já por sua vez Fernando Nogueira... bom, algum tem de ser o pior, não é?

9) Melhor e pior líder de sempre da JSD?

Acho que é uma análise que tem de ser feita a seu tempo, ponderada, com os que ainda estão por vir. Daqui a uns anos falamos!

10) Votou no seu presidente da secção do PSD?

Sim.

11) Se um governo PS o convidasse para ser presidente da TAP e fazer com ela o que quisesse aceitava?

Difícilmente aceitaria qualquer convite vindo do PS, e muito menos para ser Presidente da TAP. Neste momento, era como morder a maçã.

12) Três deputados do PSD na AR: um para almoçar para o resto da vida todos os dias, um para partilhar casa durante um ano e um para fazer um retiro espiritual durante um mês no Tibete. Justifique.

Para almoçar para o resto da vida todos os dias, o Prof. Doutor Tiago Moreira de Sá. Gosto de aprender, e tenho a certeza que diariamente teria um tema novo para descobrir. Para partilhar casa durante um ano, escolheria a Deputada Inês Barroso, somos ambas bons garfos e tenho a certeza que não faltaria nem petisco de qualidade nem animação. Para fazer um retiro espiritual durante um mês no Tibete, o Deputado Alexandre Poço. Iria fazer falta no Parlamento, mas acredito que lhe fazia bem, até porque os cabelos brancos já se começam a notar... (Desculpa lá, amigo.)

13) Olhe para o telemóvel: Qual a primeira pessoa do PSD que aparece na sua lista telefónica?

O Presidente da minha concelhia da JSD é do PSD também, conta? A primeira pessoa que aparece, é o Paulo Meireles de Oliveira.

14) Olhe para o telemóvel: Qual foi a última pessoa do PSD com quem trocou uma mensagem no Whatsapp?

Com o meu Presidente de Câmara, Ricardo Gonçalves.

15) Momento Mourinho: Qual a sua cadeira de sonho no PSD?

A cadeira não me importa, desde que tenha voz para contribuir para a melhoria das condições da população do meu concelho e do meu país.

FAZER A DIFERENÇA

Balanço da ação parlamentar da JSD na 1.ª Sessão Legislativa – Iniciativas Legislativas

No início de uma legislatura de maioria absoluta do Partido Socialista, a JSD não baixou os braços e apresentou mais de 15 iniciativas legislativas para melhorar a vida dos jovens portugueses, entre Projetos de Lei e Projetos de Resolução. Desde os rendimentos até à habitação, passando pela ciência, ensino superior, emigração e cultura, todas as iniciativas apresentadas pela JSD foram chumbadas pelo PS. Entre estas, destacamos o choque fiscal nos salários, através da aplicação de uma taxa máxima de IRS de 15% para os jovens, e o pacote da habitação, que compilou iniciativas para a compra da 1.ª casa, arrendamento jovem e alojamento estudantil.



Balanço da ação parlamentar da JSD na 1.ª Sessão Legislativa – Fiscalização ao Governo

A JSD não deu descanso à maioria absoluta do PS. Na 1.ª sessão legislativa, a JSD fiscalizou a ação do Governo através da realização de mais de 20 audições ao Governo e do envio de mais de 10 perguntas e requerimentos escritos, em áreas como a Educação, o Ensino Superior, a Habitação, a Saúde Mental, a Economia, o Trabalho, a Cultura, o Desporto, a Defesa, a Agricultura e a Coesão Territorial.

Balanço da ação parlamentar da JSD na 1.ª Sessão Legislativa – Intervenções em Plenário

Na 1.ª sessão legislativa, a JSD levou a plenário vários temas e preocupações das novas gerações, entre elas a Habitação, o Ensino Superior, os Salários, a Saúde Mental, entre outros. Através das intervenções dos seus deputados, a JSD não só apresentou e defendeu as suas principais medidas e iniciativas legislativas, como também contribuiu para colocar o foco político e mediático do Parlamento em assuntos que impactam a vida de todos os jovens.



LOJAJ

A LOJA OFICIAL DA JSD JÁ ESTÁ ONLINE!

É verdade, todo o merchandising que estavas à procura já está disponível na nossa loja online. Mostra a tua verdadeira cor com fantásticos ítems que podes comprar para ti ou para oferecer a pessoas muito especiais.



Escolhe a tua Tshirt!
Novos modelos brevemente.

Fica atento.



Saco de Linho #1



Saco de Linho #2



Almofada de Praia



Meias



Caderno de Notas

Mais produtos e mais novidades todos os meses!

 **Acede à nossa loja em www.lojajsd.pt**



PRIMEIRO JANTAR DOS 50 ANOS EM VISEU

Realizou-se em Viseu no passado dia 9 de setembro, o primeiro jantar dos 50 anos da JSD, com a presença de António Leitão Amaro, Vice-Presidente do PSD e antigo Secretário-Geral da JSD.

Para celebrar os 50 anos da nossa estrutura com todos os militantes e em todo o país, a JSD vai organizar jantares comemorativos nos próximos meses, sempre com a presença de convidados especiais.



Junta-te a nós neste momento, enviando para os nossos canais oficiais sugestões de iniciativas e eventos que assinalem os 50 anos da nossa JSD!

A DEMOCRATA

FAZ JUS AO SEU NOME.

É DE ABRIL, MAS É MUITO DE NOVEMBRO.

É PÚBLICO QUE É MAIS O INDEPENDENTE.

É UMA PEDRADA NO CHARCO.

USUFRUI DO ATREVIMENTO PRÓPRIO DA JUVENTUDE.

É QUENTE OU FRIA, NUNCA MORNA.

PREFERE SER POLÉMICA A SER CHATA.

PREFERE A INICIATIVA PRIVADA À PRIVAÇÃO
DE LIBERDADE ECONÓMICA.

É ATLANTISTA E EUROPEÍSTA. MAS NÃO É ESTÚPIDA.

DESPREZA MOSCOVO, MAS RESPEITA O POVO.

É PLURAL. DENTRO DO POSSÍVEL.

É UMA REVISTA. O AVANTE É UM MISSAL.

NÃO É A IRMÃ MAIS NOVA DO POVO LIVRE.

É PAGA PELO PARTIDO, MAS NÃO É VENDIDA AO PARTIDO.

FICA, AS LIDERANÇAS DA JOTA PASSAM.

É LARANJA QUE DÓI.

TEMOS PENA.